

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



POLÍTICA NACIONAL (N)

JORNAL NOVO

8/8/79

P. P. I. + recortes Classificados + P. P. I.

+ Recortes + P. P. I. + Recortes Classificados



## Eanes escondido com Pintasigo de fora

por Natália Correia

Não é tarde nem é cedo para perceber que o 25 de Novembro em que a ingenuidade chegou a ver o termo da hegemonia comunista, foi o pronto-socorro de um PCP descapitalizado pela turbulência que lhe exigiu o timing da descolonização e das conquistas revolucionárias, mas cuja recuperação constituía um elemento de força do processo que se ia seguir. E foi-o mesmo sem rebuços a partir do momento — logo no 26 de Novembro — em que Melo Antunes veio dizer ao País que o Partido Comunista era parte integrante da democracia e portanto para a frente e de mãos dadas com ele. É certo que o então major não nos declarou que espécie de democracia era essa que não podia marchar sem o combustível de uma força política que até à véspera a arrastara pelas ruas da amargura. Mas eis que hoje se torna clara essa democracia que, tendo como anterioridade um 25 de Novembro em que

cristaliza a ideologia de um socialismo militar, iria fluindo numa sucessão de factos que apresentam esta característica comum encarnada no Presidente da República: a liquidação sistemática de viabilidades sólidas para se alcançar uma estabilidade democrática. E, pela lógica desta terra queimada, Eanes, só quando já assinado o Acordo da Aliança Democrática, vem, com lampeira imoralidade, propor a violação deste pacto mediante a oferta ao PS e ao PSD de um governo de solidariedade institucional que se recusou a promover quando o poderia ter feito em 1976 ou 1977.

É nesta moldura de retorcido finalismo que Eanes não usa as prerrogativas que tem para dissolver a AR. Abonando-se com o sofisma de querer dignificar um parlamento roído até ao sabugo, dá voz à agitação que irá provocar a morte convulsiva da Assembleia, servindo, à boca das eleições, um espec-

Continua nas centrais



POLÍTICA NACIONAL (N)  
 JORNAL NOVO  
 8/8/78

P. P. I. + Recortes Classificados + P. P. I.

+ Recortes + P. P. I. + Recortes Classificados

**Técnicos Soviéticos em Cuba**

publicada da Irlanda, Michael, pos guerrilheiros que al comba-

**Eanes escondido com Pintasilgo de fora**

Continuação da pág. 1

táculo degradante que não deixará de acirrar o abstencionismo.

Por outro lado, Eanes confere ao executivo, na pessoa do primeiro-ministro, características que prometem ser usadas ao afino dos interesses do PS e do PCP na preparação do acto eleitoral. Deste modo é organizada a possibilidade das eleições intercalares deixarem tudo na mesma, acelerando-se, consequentemente, o apodrecimento da mesmice. Entrementes, em jantarecos de sua iniciativa pessoal — assim propagam notícias derivadas de fontes afectas a Belém — Eanes vai construindo a pedrada do partido que agitará as águas do plântano. A preceito, vemo-lo ultimamente aproveitar todos os ensejos cerimoniais para deitar discurso em silabar incisivo que entrebre inesperadas reservas caudilhistas. A timidez empertiga-se, assim como a sugerir aos nostálgicos do poder viripotente: tendes homem. E aqui temos o sentido último do socialismo militarizado que no 25 de Novembro nos apareceu com asas de anjo anunciador de melhores dias.

Esta efabulação de sorna ambição alcaineira tem a mais, no ser triste, o embocar-se em saia mulheril, e, pior ainda, em hábito de freira. Monja, distingue-se na seara do Senhor o trigo do joio, esquerdosamente alegreta que só desfia o terço para Dr Cristo a falar por entre as barbas encanecidas de Marx. E se a nós, como mulheres, nos punge ser feminino o instrumento do socialismo quarteleiro que de Belém a pique, quer botar voo de milhafre sobre a carcassa da democracia, não deixe a Igreja a que ainda se arrimam os que só nela acham abrigo contra os vagalhões marxistas, de nos explicar porque é que esta senhora anda a pintassilgar de católica. Por mim não percebo e e comigo estarão quantos em Cristo respeitosa e pressupõem o exemplo sacrificial de que corre sangue para o Espírito. Não para o materialismo a que essa engenheira de um catolicismo de pagela marxogramicista abriu os braços na UNESCO em fervorosa solidariedade com os intentos berrantemente comunistas da BASE-FUT. E agora que, servindo de capindó beato a maquinação de um socialismo militar, o vermelho atraiçoa-la o que está debaixo da capa, vemo-la pressurar em entrevistas para a Europa o

seu repúdio por essa calúnia de ela ser marxista, porque qual Marx!, aquilo é Vaticano II e só os ignorantes é que não vêem isso.

Mas sejam quais forem as benções que orvalham o afochado socialismo de Pintasilgo, a verdade é que, no desfecho lógico de um 25 de Novembro que só quereria chegar a isto, cá temos a engenhosa geminadora de Marx e Cristo a entoar a marcha dos cem dias num estilo possidónio de companheiros da alegria esquerdeira.

Não duvidamos de que mais imediatamente grato seria a Eanes pôr Melo Antunes ao leme de um projecto que, apoiado no poder militar, se propõe carpintear a situação política que, transportando os factores da crise endémica, se degradará vertiginosamente. Mas, dada a impopularidade do Coronel que terá muitos defeitos menos o de ser sepulcro calado, Eanes revestiu-o de saias e arremçou para a chefia da sua governança um melro disfarçado de pintassilgo. É mais ameno. É mais bucolicamente enternecedor nesta nossa tradição ruralista em que o melro, por conotação de ave espertalhufa, não é apeteçível à écloga, mas, sim, o tenro pintassilgo que esse, sim, é avezinha meigamente afecçável ao quadro pastoril. É mais indefeso, mais frágil, porque feminino, neste país marial em que numa senhora não se bate nem com uma flor. É, enfim, intocável, sacrossanto, já que no Avé do canto litúrgico, blasfemos seriam os pios de uma ave de aviário marxista. Magistral composição que só tem o defeito do cruzes diabo com que Pintasilgo esconjura, para a estranja europeia, as calúnias que a acolmam de marxista: não nos fazer esquecer os arrebatamentos públicos da engenheira, recentes, frescos sobre o meloantunismo, tão bom, tão vanguarda, tão querido que quem não for por ele é provinciano. E também não será a berrata de neutralidade desta esforçada amazona de um graal aberrantemente demandado pela via da mão esquerda que despegará dos nossos ouvidos o bater do seu coração católico pelo Outubro soviético já que, em seu bem-aventurado dizer, sem este corolário da revolução francesa, a humanidade que por ele não foi bafejada, permanece em estado fetal.

É evidente que quem tão ardorosa fé investe no Ad-

vento socialista, em pouco ou nenhum apreço terá o passado e a cultura que dele recebemos como transmissão de valores invariáveis que nos fixam o carácter nacional. Na nova ordem internacional de que Pintasilgo é vanguardeira, esse fixismo é medonhamente hostil à salutar fatalidade de sermos na Europa uma Argélia imbecilizada por falta de vocação. Mas tem que ser porque o conflito Norte-Sul é que é e nós somos do sul e, portanto, Berberia sem petróleo, Cuba sem havanos, desalinhados como atlantistas e o contrário. Um hibridismo de mula que só serve para carregar o baú que Carter envia a Brejnev, e vice-versa, com a maldade de um terri-mundo que sendo marxizável aqui, é devido ao dólar ali. Neste preparo de besta de fretes, de que nos serve a língua para convenceremos o mundo de que, em vez de ornear, emitimos sons falantes timbrados por uma velha e respeitável cultura? Em concordância com esta desnecessidade, foi despachada a Engenharia Pintasilgo como nossa Embaixadora junto da UNESCO em bloquear às instruções do então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Sá Machado, para que fossem empreendidos esforços necessários à adopção da língua portuguesa naquele organismo. E por aqui não se ficou. Recorreu mesmo a circuitos paralelos, a fim de neutralizar esforços em curso pela oficialização do Português na UNESCO. Porque esta afrontosa sabotagem à expansão da nossa língua?

Os países de língua portuguesa não estavam empenhados em promover o Português internacionalmente. E nós, libré do Terceiro Mundo que usa mal a língua que criámos, recriámos e aperfeiçoámos ao longo dos séculos, nós, sapato velho da cultura que levámos a esses países, proibidos de administrar o destino do nosso património linguístico. Ainda por cima, como remate desta insídia antipatriótica, chegamos a saber, por carta que Sá Machado fez publicar no curso de uma polémica que abri sobre este desgraçado assunto, e na qual António Maria Pereira produziu indesmentíveis provas da cavilosa obstrução de Pintasilgo, que os representantes dos países de língua portuguesa haviam afirmado a Sá Machado o seu empenho em tornar o Português língua oficial das Nações Unidas e suas Agências, designadamente a UNESCO. Nem se-

quer a tal desculpa do desinteresse dos países de língua portuguesa pela internacionalização do Português, era verdadeira. Resta, como explicação um rancor enigmático por esta pobre flor do lício que de comovidas lágrimas marejou a lira de Bilac. Mas é essa sanha contra o órgão supremo da nacionalidade, que ora nos cabe em Governo de uma cultura multissecular. Como se vê, Pintasilgo é a ave ideal para emprestar as asas a um socialismo que nos quer africanizar.

Não fora esta página sombria do curriculum de Pintasilgo, pela qual, fosse Eanes de facto o Presidente dos Portugueses, lhe seria defeso alçar ao manejo da vida nacional quem tão desnacionalizantemente se comporta, despedianda seria uma personalidade que chega até a ser divertida na volubilidade com que de marcelista se gonçalviza e deste apeadeiro toma o comboio de uma enização animadora no que de ruminadamente beiroa promete estar ali para durar. De facto, exceptuando a execrável inimizade do primeiro-ministro pela língua, que sempre lhe serviu para trinar evasivas poéticas no seu discurso de posse, não seríamos nós a discutir o direito de Pintasilgo ser vivaz em marxizar o marcelismo, posto que a vivacidade é propriedade mesma de passarinhar. Mas Pintasilgo é o calcanhar de Aquiles de Eanes. E aqui, a sua posição é tremendamente inconfortável. Porque pelo calcanhar se apanha o corpo da congeminação eanista que, vamos lá, com pouca virilidade, se esconde debaixo das saias de uma mulher. Como poupá-la, se Pintasilgo é o armário onde Eanes oculta o sonhado deslenlace de um socialismo fardado e berbere de que o 25 de Novembro foi a proveita? Há que abrir o armário, com todas as desculpas, minha senhora. Mas quem não quer ser raposa não lhe vista a pele. Há que desmascarar a tempo o grotesco travesti. Porque se a lenda não poupou ao próprio Hércules o ridículo de vestir as roupas de Ófale para fazer crochê, mais hilariante será, na nossa petite histoire, ver o fuso doméstico em mão que jamais afoou com a maça do herói. Desentrapemos, pois, a amulherada farsa em que deu o nasserismo subterrâneo do 25 de Novembro. Até para evitar que, caso Belém se espalhe ao comprido da sua desmesurada quimera, não fuja esta disfarçada de mulher.